

A Batalha, não pode, naturalmente, ficar insensível perante esta demonstração de simpatia e veneration por Angela Pinto, admirável começante que durante bastantes anos enriqueceu a scena portugueza com algumas soberbas criações e cujo nome não pode deixar de ser gravado entre os que sem affectação, por puridades de validade, marcam uma época gloriosa e fulgida do teatro portuguez.

A muitos comentários se presta a récita de homenagem que um grupo de jornalistas e homens de letras leva a cabo dentro de algumas horas.

Demonstra-se mais uma vez a indifference que aos poderes públicos, mercenários, alguém que passou pela arte nacional, deixando do seu talento um rasto luminoso.

Neste desmanchar de feira, nesta tremenda confusão, em que de preferéncia se acateleiam os interesses dos partidos burguezes e se jogam os negócios das sociedades financeiras, é bastante significativa que sejam as iniciativas particulares, que venham em socorro duma artista que agoniza na miséria, em contrasta com as esferas officiaes que perdem o tempo simplesmente em cobrir-se de injúrias e a investir-se numa assistência de pugnadores de vaidades e de defensores de oligarquias, que outra coisa não absorve os seus espiritos!

Para nós a figura de Angela Pinto é duplamente digna de carinho. A sua

A questão internacional

Luta velha e renovada — Um "post-scriptum"

A exposição sintética de resoluções da primeira Internacional, referentes aos Congressos realizados desde 1866 a 1881, feita no artigo anterior, não pode significar que o seio daquele grande organismo existisse sempre unidade de vistas quanto aos fins sociais a atingir e quanto aos meios.

No seu seio observaram-se os mesmos lamentáveis factos que na hora actual se reproduzem através de quasi todos os países. Então, como hoje, travava-se uma luta entre os centralistas ditadores e os autonomistas ou libertários federalistas.

Aqueles que desconfiavam a história da velha Internacional supõem que a que agora se passa, entre os comunistas e os sindicalistas revolucionários, é a mesma.

É assim que se consegue fugir muitos factos, levando-se a acreditar que o seu "éxito" comunista é novidade em folha e se impõe pelas forças da guerra e da revolução russa, que as concepções revolucionárias dos sindicalistas e dos autonomistas ganharam já cabelos brancos e que o momento está para realizações práticas — realizações práticas essas que consistem em valorizar a acção política dum partido para a conquista do poder, em detrimento da emancipação integral da classe trabalhadora, pela sua acção revolucionária e espontânea.

Ora as concepções dos comunistas actuais são precisamente as mesmas de há 70 anos; são as da Liga dos Comunistas, expressas no Manifesto do Partido Comunista, em 1847, por Marx e Engels — manifesto esse, aliás, que se tornou "Folha de Paralisação" e que Labriola e Kautsky confirmam em plágio das ideias dum manifesto anterior de Victor Considerant. É essa circunstância ainda as torna mais antigas.

A essas ideias queriam Marx e Engels subordinar os objectivos e a acção da velha Associação Internacional dos Trabalhadores; tal e qual como hoje os herdeiros das ideias e do processo de Marx pretendem fazer, aproveitando-se certamente do que do passado está esquecido ou se ignora e apressando-se no presente a apresentá-las como sendo a resultante imposta por pressões circunstanciais do momento.

Na presente, não existe mais do que a sequência ou a renovação dum luta interna determinada pelas ambições de domínio dum partido dentro dos organismos revolucionários por essência, que pretendem desenvolver-se normalmente pela acção do seu esforço próprio.

É a luta entre o espírito de liberdade, de independência e de espírito autocrático. É a acção perniciosa de agrupamentos centralistas e ditatoriais que determina a oposição formal dos indivíduos ou agrupamentos sindicais na defesa da sua completa autonomia e das suas aspirações de libertação de todas as tiranias políticas e estatais.

Toda a unidade de acção proletária tem sido prejudicada, desde a primeira Internacional, pelos desejos de predominância e de subordinação a partidos políticos. É o que nem todos verificam e por isso se deixam suggestionar pelos cínicos oportunistas da seria reformista e ditatorial, mascarada de revolucionária intransigente. Lançarei, pois, um olhar retrospectivo. Não o faço neste, para dar lugar a uma explicação necessária. Procurarei de futuro ser mais assíduo, não escapando tanto estes artigos para lhe poder dar um final rápido. Salvo, em todo o caso, se o tempo de que as noites posso dispor, não for tomado, como até aqui, por outros afazeres da propaganda ou da organização.

M. J. de SOUSA

Post-scriptum. — Todos os partidos tem no seu seio indivíduos animados da melhor boa-fé, sérios, de proceder honesto, correcto e digno. Criaturas destas existem sem dúvida no seio do partido comunista português. É a estes e bem assim aqueles outros que por acaso bajam lido o órgão daquele partido, de 15 do mês p. p., que a explicação que segue se devida.

No artigo do dia 23 de setembro

guns destes lavradores, que chegavam dos campos, traziam nos ombros um casaco de pele de ovelha, que logo puzeram de parte. Todos eles usavam barretes de lã, e tinham os cabelos compridos e aparados em redor, tendo a barba farta e comprida. Os dois últimos que entraram davam o braço um ao outro; eram formosos e robustos.

Amigo Joel, disse o estrangeiro, quem são aqueles dois rapazes? As estátuas do deus Marte dos pagãos, não eram mais completas, nem podiam ter um aspecto tão valoroso...

São dois parentes, dois primos meus, Julian e Armel; quem se como irmãos... Ainda ultimamente sucedeu um furioso tórrido precipitar-se sobre Armel, e Julyan com risco da vida salvou Armel... Graças a Jesus, não estamos em tempo de guerra; mas se fosse preciso pegar em armas, Julian e Armel juraram um ao outro ser *saldines*. (Entre os gauleses, aqueles que se chamavam *saldines* juravam um ao outro partilharem sempre a mesma sorte, ou fosse que se ligassem a um chefe ou fosse que combatassem juntos. Felizes e ricos, sofriam ambos os seus reveses; se percia um deles de morte violenta, suicidava-se o outro.) Ah! temos a ceia pronta... Vem; reservo-te o lugar de honra...

Joel e o desconhecido aproximaram-se da mesa; esta era redonda, elevada acima do terreno, e coberta de palha fresca; em redor dela havia assentos estofados de feno odorífero. Os dois carneiros, assados e cortados em quartos, foram servidos em pratos de madeira de faia, brancos como marfim; havia também avultadas peças de porco salgado, e um presunto de javali; o peixe tinha ficado na caldeira de cobre onde fôra cozido.

No lugar onde costurava assentar-se Joel, chefe da família, via-se um imenso vaso de cobre estanhado, do qual dois homens muito sequiosos não teriam podido beber o conteúdo. Foi defronte deste grande copo, que marcava o lugar de honra, que o estrangeiro se

assentou, ficando-lhe á direita Joel, e á esquerda Mamm' Margarida.

Os velhos, as mulheres, as raparigas e os rapazes, assentaram-se em redor da mesa; os homens maduros e os mais moços conservaram-se por detrás, em segunda ordem de assentos, erguendo-se às vezes para fazerem alternadamente o ofício de servos, indo encher de vez em quando logo que ele estava vazio, e passando-o de mão para mão, começando pelo estrangeiro, o grande copo a um tonel de hidromel colocado num dos ângulos da sala: cada um deles, munido de um bocado de pão de cevada e trigo, tirava ou recebia uma porção de carne assada ou de salgadura, e que rilhava, ou cortava com faca.

O velho cão de fila, Deber-Trud, gosando do privilégio da sua idade e dos seus longos serviços, estava deitado aos pés de Joel, que não se esquecia do seu fiel servo. Quasi no fim da comida, Joel tendo cortado o presunto de javali, tirou-lhe o pernil, e, segundo um antigo costume, disse ao seu jovem parente Armel, dando-lho:

— Para ti, Armel; é este o bocado do mais valente! para ti, o vencedor na luta de ontem á noite!...

No momento em que Armel, lisongead de ser reconhecido pelo mais valente em presença do estrangeiro, avançava o braço para tomar o pernil do javali que lhe era apresentado por Joel, um homem baixinho que fazia parte da família e a quem chamavam Rabouzigued (ano) por ser de baixa estatura disse:

— Armel foi ontem vencedor na luta, porque Julyan não lutou contra ele; dois toiros de força igual evitavam-se, temem-se e não combatem.

Julyan e Armel, humilhados de ouvir diante dum estrangeiro que não lutavam um contra o outro porque se temiam, coraram. Julyan com os olhos brilhantes, disse:

— Se eu não lutei contra Armel, foi porque outro se apresentou em lugar; mas Julyan teme tanto Armel como Armel Julyan; e se tu tivesses mais um côvado de altura, Rabouzigued, eu te mostraria imediatamente,

começando por ti, que não temo ninguém!... nem mesmo o meu bom irmão Armel!...

— Bom irmão Julyan! replicou Armel, de quem os olhos também começaram a brilhar, nós devemos provar ao estrangeiro que não temos medo um do outro.

— Está dito, Armel...; lutemos ao sabre e com o escudo.

— Está dito, Julyan...

E os dois amigos apertaram a mão um do outro, porque não havia entre eles rancor; estimavam-se reciprocamente, e só travavam combate pelo excesso de valentia.

Joel não deixou de ficar contente por ver os seus comportar-se tão valorosamente diante do hóspede, e o resto da família pensava como ele. Ao anúncio de este combate, todos, até mesmo os rapazinhos, as mulheres e as raparigas, ficaram muito alegres, e bateram as palmas sorrindo e encorando-se, ufanos com a ideia de que o desconhecido ia presenciar a coragem da sua família.

Mamm' Margarida disse então aos dois moços: — A luta terminará quando eu abaixar a minha roca.

Estes rapazes procuram recrear-te, amigo hóspede, disse Joel ao estrangeiro; tu também os recrearás, contando-lhes; como a todos nós, as coisas maravilhosas que tu viste nas tuas viagens.

— E' preciso que eu recompense a tua hospitalidade, amigo, respondeu o estrangeiro. Contarei essas narrações.

— Então, breve, irmão Julyan, disse Armel; porque desejo ouvir o viajante. Nunca me enfadava de histórias apesar dos narradores serem raríssimos em Karnak.

— Tu bem vês, amigo, disse Joel, com que impaciência aguardamos as tuas narrações; mas antes de as começares, e para te robusteceres, beberás logo á saúde do vencedor da luta o bom vinho velho das Gálias...

A BATALHA

UMA VISITA Á ALDEIA DE CARVALHO

Notas e impressões do nosso correspondente da Covilhã acerca dos dois grandes males naquela povoação: a taberna e a igreja

COVILHÃ. — Fizemos há dias uma visita á Aldeia de Carvalho que dista de Covilhã uns cinco quilómetros.

Aldeia de Carvalho é um dos centros mais importantes, nos arredores da Covilhã, em indústria, em organização, em população, menos em instrução.

Em indústria, é a têxtil que predomina, e a maior parte da população é onde se emprega. A indústria

Se na Aldeia de Carvalho a taberna é um cancro, a igreja é um foco de depravação, onde a sombra da batina negra do padre, se ocultam os mais nefandos crimes.

O padre Parente era prior desta Aldeia. Com o curioso, de médico, de professor de música e de vigário da freguesia. Um dia, valendo-se da fraqueza dum ingenuo rapariga, roubou-lhe tudo quanto a natureza a dotou.

Não o encontrando veio á Covilhã fazer queixa ao arcebispo da Concelhia, o sr. Padre Arroz, e este pôs-lhe o dedo no nariz e disse-lhe que não tinha nada a queixar-se á justiça pois se a igreja está separada do Estado, e ainda que se fizesse tal, excomungaria todos os habitantes da aldeia.

O tesoureiro do Santíssimo e o regedor, dispunham-se a dar parte d'esse as autoridades, mas o tal Arroz disse-lhe: "Olhe quando lá estava eu, via ali muita coisa que não fazia serviço, e se estava a deteriorar como o pálio. Ora o pálio

era já velho. Para que servia um pálio velho? Era uma vergonha sair com a procissão para a rua!"

Agora os filhos coçam a cabeça de verem fugir o dinheiro que eles tinham dado para Nosso Senhor.

E', portanto, realmente justo que em pequenas povoações ao padre se chamasse vigário.

Ora duas palavras aos fiéis da creche religiosa: Desprezei a igreja e a taberna, e teres dado mais um passo para o dia supremo da justiça.

NA PRAIA DA NAZARE

Operários da Construção Civil

O cúmulo da ignorância e do embrutecimento

PRAIA DA NAZARE, 16. — A classe da construção civil, mercê da crassa ignorância e inépcia da maioria dos componentes, está de há muito dando exuberantes e iniludíveis provas da mais profunda inconsciência, estreiteza de espírito e futilidade.

Tanto assim é, que a lei das 8 horas de trabalho é aqui desrespeitada com o maior desprazer por todos os indivíduos que constituem a sobredita classe, os quais, quando interrogados acerca da razão determinativa da sua imperdoável falta, respondem com uma argumentação pueril e absolutamente atacadível, dizendo a maior parte deles que o cumprimento do regulamento do horário de trabalho é prejudicial aos trabalhadores e que pelo contrário o trabalho pelo sistema da empreitada é o mais conveniente e lucrativo para os mesmos!...

E' realmente deplorável a atitude e mentalidade destes escravos!

O trabalho de empreitada anacrónico e inconveniente, em consequência do qual o trabalhador tudo perde — o tempo necessário para adquirir pelo estudo o maior grau possível de instrução e educação profissional, a saúde e até a facilidade de encontrar, sempre

que disso precisa, em que aplicar a sua actividade, principal consequência da superprodução, é a maior e única predilecção dos operários construtores de prédios desta vila, do que resulta estar-se desenhando já uma pouca tranquilizadora crise de trabalho para o próximo inverno cuja perspectiva, angustiosa e mortificadora, determinou que muitos hajam já transmitido para diversas terras em demanda de trabalho, sujeitos a um tratamento humilhante e vexatório, consonte sabemos de alguns.

Não há ninguém nesta terra, um simples servente mesmo, que não queira ser empreiteiro!...

Com uma tal conduta, terão os trabalhadores da vila autoridade moral para atacar os exploradores seus patrões?

Poder-se-á dar razão a um indivíduo destes quando diz que o patrão que o explora, quando é certo que os patrões exploram os operários e os operários exploram-se e escravizam-se uns aos outros?

O que a classe deve fazer é imediatamente tratar da sua reorganização e assim, uma vez penetrados dos deveres, deixem a figura que tem feito.

ALDEIA DE CARVALHO — Vista parcial

do vinho também está muito desvalorizada no que respeita á quantidade de vinho que ali se consome numas espeluncas imundas que causam náuseas.

E' aqui que os operários se instruem e se educam... E que escola tam repugnante, a taberna!...

E' nestes antros de perdição que o operário se embrutece. A organização operária começa por tomar espanto. A semente vai fecundando pouco a pouco. E' neste factor que depositamos confiança para conseguir arrancar aos imundos cubículos, os operários, e ministrarlhe a educação necessária para encarecer melhor o futuro.

E é a secção sindical que os operários de Aldeia de Carvalho deviam frequentar, e não a taberna que só os prejudica.

Em dois trechos apresentamos aos pacientes leitores a biografia desse camponês, semelhante a esse Padre Amaro que o grande Eça nos descreve. A história é semelhante.

Este padre, na aldeia, foi substituído por outro de nome Pina. Este conta que culpa alguma teve que o fizessem padre, impôs pela Páscoa aos seus paroquianos tabela fixa de \$500 se quizessem que fosse o Cristo visitar as casas. Alguns calaram e outros não...

Aqui há tempos como não ganhasse o suficiente vendendo um pálio da igreja por oitocentos escudos... pois se havia três na igreja para que servia tanto guarda-sol a São Pedro?...

O tesoureiro do Santíssimo Sacramento dando pela falta do pálio lá ter com o vigário da freguesia, mas este assim que recebeu o dinheiro fugiu não sabemos para onde.

LIVROS NOVOS

O conto "Canção Bárbara"

que extraímos do livro "Terras de Fôgo" de Julião Quintinha, constitui um dos melhores trechos da literatura portuguesa

"Sai, sou o pobre Sai, filho de Mambí! Minha mãe era linda e ladra; meu pai, mineiro, morreu em Espanha, esfaqueado por contrabandistas, nas minas das Moreanas..."

Dita esta longa-lança plangente que gozava da sua boca, como pingas de água em musical cadência, ficava-se inquietado no encantamento da própria voz, assombrado dum tristeza de sol-poço que lhe descia dos olhos egípcios — olhos enormes, na magra testa toda do rosto, e castanhos como o cabelo sedoso que se emaranhava, qual silva brava, ao redor do seu perfil zingaro. E de um olhar fito no vago, pensando em mil coisas que os outros não entendiam, completava a cantolada longa-lança: "...Príncipe da Ciganagem e Rei da Barbária, não roubas, não bota fogo — sou Sai!... o pobre Sai!..."

Se lhe davam trela, desentranhava de dentro da espécie de manto esfarrapado em que se envolvia, um instrumento com cordas de arame, arremêdo de

guitarra, que ele harpejava com suas mãos alvas, compridas, magras, tam-lindas que dir-se-iam mãos dalgum príncipe disfarçado em vagabundo...

Se o enxotavam, abalava levando no olhar aquela enorme, doce e resignada tristeza dos cães corridos; lá lá de vara na mão, marmitta no braco, pés descalços golpeados, disformes, e por entre os rasgos das calças a ver-se-lhe a carne virgem e nua.

As velhas quezilentas, quando ele passava, faziam figas; e se adegredava haver fogo nas medidas das eiras ou nas leguas do mato, embora ele estivesse inocente, todos berravam contra o Sai!...

A's vezes deitava-se ao largo, andando fugido meses e meses; e na aldeia, o sítio onde parava mais era lá emriba, cerca do castelo, pertinho da morada da mestra régia, que tinha uma loira — como ele dizia: *sa menina do castelo* — para quem iam os seus mimos e

canções. Ela, ternamente, ouvia-o, parecia entendê-lo e, às escondidas, dava-lhe pão, e o Sai trazia-lhe molhadas de flores...

Na cerca havia uma mó de moíno quebrada onde se assentava noites inteiras, cantando as suas trovões, e entre estas uma de que ele gostava mais e a que o povo chamava *"canção bárbara"* — a bem dizer, canção dum doido, sem coerência ou rimas, mas dum ritmo estranho, toda nómade, onde passavam claros de incêndio, uivos de lobo, arraios de palhaços e ciganos, gritos de fome, visões de poços, de barrancos, e magoadas queixas pelas pedras que lhe atravavam e pelos cães que lhe mordiam sem lhe fazer mal! Era, enfim, a romança do seu tadarão, onde cantava das misérrimas noites passadas nos campos ou entre ruínas, sob o palor das estrelas, quando era ainda pequeno e a mãe roubava para comer, dando-lhe dum pão húmido de muitas lágrimas, só conduzido com beijos...

Duma vez a janela ficou fechada, e

começando por ti, que não temo ninguém!... nem mesmo o meu bom irmão Armel!...

— Bom irmão Julyan! replicou Armel, de quem os olhos também começaram a brilhar, nós devemos provar ao estrangeiro que não temos medo um do outro.

— Está dito, Armel...; lutemos ao sabre e com o escudo.

— Está dito, Julyan...

E os dois amigos apertaram a mão um do outro, porque não havia entre eles rancor; estimavam-se reciprocamente, e só travavam combate pelo excesso de valentia.

Joel não deixou de ficar contente por ver os seus comportar-se tão valorosamente diante do hóspede, e o resto da família pensava como ele. Ao anúncio de este combate, todos, até mesmo os rapazinhos, as mulheres e as raparigas, ficaram muito alegres, e bateram as palmas sorrindo e encorando-se, ufanos com a ideia de que o desconhecido ia presenciar a coragem da sua família.

Mamm' Margarida disse então aos dois moços: — A luta terminará quando eu abaixar a minha roca.

Estes rapazes procuram recrear-te, amigo hóspede, disse Joel ao estrangeiro; tu também os recrearás, contando-lhes; como a todos nós, as coisas maravilhosas que tu viste nas tuas viagens.

— E' preciso que eu recompense a tua hospitalidade, amigo, respondeu o estrangeiro. Contarei essas narrações.

— Então, breve, irmão Julyan, disse Armel; porque desejo ouvir o viajante. Nunca me enfadava de histórias apesar dos narradores serem raríssimos em Karnak.

— Tu bem vês, amigo, disse Joel, com que impaciência aguardamos as tuas narrações; mas antes de as começares, e para te robusteceres, beberás logo á saúde do vencedor da luta o bom vinho velho das Gálias...

Pedras para Isqueiros

Metal Auer, assim como rodas, ócas e machissas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para Isqueiros

Legítimo metal Auer ainda privilegiado e acreditado universalmente por ser a que faz melhor fálscia e que tem maior duração.

Dá-se 50 centavos (custado com as imitações). Vende-se aos centos e nos milhares, assim como isqueiros, rodas, tubos, pipos e tambores, nos melhores preços para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura

E' o tema duma conferência que Gonçalves Corrêa effectuou em Évora por ocasião do V Congresso dos Trabalhadores Rurais, que acaba de editar em folheto.

Preço \$50 - Pelo correio \$60

Pedidos á Administração de A BATALHA

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18 (junto ao arco pequeno).

FATOS, SOBRETUDOS, VESTIDOS e CASACOS

em todos os padrões e cores quasi por metade do preço.

Depósitos de vendas a retalho: EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A

SOLIDARIEDADE

Para os presos por delitos sociais encarcerados na Torre de São Julião da Barra, foi aberta no Castelo uma subsecção, cujo produto, de 42550, foi entregue á companhia de Adriano de Figueiredo, afim de que ela na próxima visita á Torre de São Julião, faça a devolução.

